La Comédiathèque

Apenas um instante antes do fim do mundo

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Apenas um instante antes do fim do mundo

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Três pessoas que não se conhecem são convocadas para integrar um júri popular. Pelo menos é isso que lhes dizem. Mas o local onde se encontram não é um tribunal. Acabam por descobrir que estão ali para decidir, em conjunto, como enfrentar as consequências de uma catástrofe inevitável que atingirá o mundo num futuro muito próximo. As opiniões dividem-se e sucessivas reviravoltas relançam o debate. Ao longo deste espetáculo imersivo, o público será também convidado a pronunciar-se, ajudando as personagens a fazer as suas escolhas e a encontrar a melhor decisão possível perante a pior situação imaginável.

Distribuição

Fred: professor ou professora do ensino básico
Max: empregado ou empregada de mesa
Alex: músico ou música
Sam: conselheiro ou conselheira

Todos os papéis podem ser interpretados por homens ou mulheres, desde que sejam feitas as necessárias adaptações de concordância e tratamento.
Nesta versão, Max e Sam são homens; Fred e Alex são mulheres.

© La Comédiathèque

ACTO 1

O palco está vazio, à exceção de três cadeiras, uma mesa e um frigorífico. Entra Max, com uma máscara cirúrgica branca a tapar-lhe o nariz e a boca e uma venda preta sobre os olhos. Sam guia-o. Max vem de um meio modesto e veste-se em conformidade. Sam está vestido de preto e pode usar óculos escuros. Debaixo do casaco traz uma pistola num coldre, que só será vista mais tarde.

Max – Já chegámos?

Sam – Sente-se aqui.

Sam ajuda Max a sentar-se numa cadeira.

Max – E para que é que me vendaram os olhos?

Sam – Já pode tirar a venda.

Max – E a máscara?

Sam – A máscara também.

Max tira a venda e a máscara.

Max – Mas afinal que palhaçada é esta?

Sam – Não se preocupe. Em breve vai saber.

Max – Que não me preocupe? Como é que quer que não me preocupe? Recebo uma convocatória para me apresentar na esquadra, porque fui sorteado para integrar um júri popular. Chego lá, vendam-me os olhos, metem-me numa carrinha e trazem-me até aqui sem me darem uma única explicação. Para começar, onde é que estamos?

Sam – Se tivemos o cuidado de lhe vendar os olhos, não faria grande sentido dizer-lhe agora onde estamos. Há de concordar...

Max olha em redor.

Max – Isto não parece um tribunal... *(Apontando para o público, em voz mais baixa)* E quem é toda esta gente? O público que vem assistir ao julgamento?

Sam – Explico-lhe tudo quando chegarem os outros.

Max – Os outros? Quer dizer... os restantes jurados?

Sam – Os restantes jurados, exatamente...

Max – E quantos somos, ao todo?

O telemóvel de Sam toca.

Sam – Desculpe... *(Ao telemóvel)* Sam... Está bem... Sim, vou já... *(Guarda o telemóvel.)* Tenho de me ausentar um instante. Se tiver sede, há bebidas frescas no frigorífico.

Max – Obrigado...

Sam sai. Max volta a olhar em redor. Percorre o palco e observa o público. Depois de hesitar, abre o frigorífico e espreita para dentro. Tira uma lata de cerveja, abre-a e dá um gole. Parece agradar-lhe. Aproxima-se então do público e dirige-se a uma pessoa.

Max – Por acaso sabe porque é que estamos aqui?

Se a pessoa responder, faz-se uma breve improvisação para encerrar a conversa. Sam regressa com Fred e Alex. Ambas usam máscaras cirúrgicas e estão de olhos vendados. Fred veste-se com alguma elegância; Alex tem um visual de roqueira.

Sam – Chegámos. Podem tirar as vendas.

Alex – Já não era sem tempo...

Fred – E as máscaras também? Estamos a sufocar...

Sam – Força.

Alex – Espero que, quando abrirmos os olhos, não estejamos diante de um pelotão de fuzilamento.

Fred – Ou de um bolo de aniversário... Se calhar isto é tudo uma partida.

Sam – Garanto-lhes que não é nenhuma partida.

Fred – Além disso, nem sequer faço anos hoje.

As duas tiram as vendas, pestanejam, ligeiramente encandeadas, e olham à sua volta. Tiram também as máscaras.

Alex – Onde é que estamos?

Fred – Estamos num tribunal? O público já cá está...

Alex – Não é a nós que vão julgar, pois não?

Max continua com a lata de cerveja na mão.

Max – E porque é que havíamos de ser julgados? Eu não fiz nada!

Sam – Ninguém vos acusa de nada, estejam descansados. E não são vocês que vão ser julgados.

Fred – Então quem é que vamos julgar?

Alex – Terroristas? É por isso que tomam tantas precauções?

Max – Alto lá! Eu não me meti nisto para isso! Quero sair daqui vivo.

Sam – Não vão julgar ninguém.

Fred – Então o que estamos aqui a fazer?

Alex – Disseram-nos que tínhamos sido sorteados para integrar um júri num processo criminal.

Sam – Dissemos que fariam parte de um júri. Não de um júri num processo criminal.

Fred – Então que espécie de júri é?

Max – De certeza que não é o júri da eleição de Miss Universo...

O telemóvel de Sam volta a tocar. Ele atende.

Sam – Sam... Sim... Está bem, vou já... *(Guarda o telemóvel no bolso.)* Desculpem, já volto...

Sai. Os outros três observam-se com desconfiança e olham em redor.

Fred – Isto está um bocado degradado para um tribunal, não acham?

Max – Não sei... Um tribunal... Nunca tive ocasião de entrar num. E a senhora?

Fred – Eu também não...

Alex – Onde é que arranjou essa bebida?

Max – No minibar. Esteja à vontade...

Alex – Acho que vou esperar... Primeiro quero saber quanto custa o serviço de quartos...

Max – Acha que temos de pagar?

Alex – Prefiro desconfiar, só isso.

Fred – Chegou antes de nós. Está aqui há muito tempo?

Max – Nem cinco minutos. Portanto, sabe tanto como eu.

Fred – Pois...

Alex – Até nos confiscaram os telemóveis. Estamos completamente isolados do mundo.

Fred – Se eu soubesse esta manhã, quando saí de casa, na aventura em que me ia meter...

Max – E de onde é que vem?

Voltam a observar-se com cautela.

Alex – A questão não é de onde viemos, mas onde estamos.

Fred – E o que fazemos aqui.

Max – Dizem que fomos escolhidos por sorteio.

Alex – Pois... Para um júri criminal. Mas ele acabou de nos dizer que não estamos aqui para julgar ninguém. Temos motivos para não acreditar em tudo o que nos contam.

Fred tira um papel do bolso e observa-o.

Fred – É verdade que na convocatória não diz expressamente que se trata de um júri criminal...

Max – Pois... mas foi isso que todos percebemos.

Fred – Um documento com um cabeçalho oficial, uma convocatória para ir à esquadra e integrar um júri... Qualquer pessoa teria percebido o mesmo.

Max – E, afinal, um júri num processo criminal não é composto só por três pessoas, pois não?

Alex – Acho que são doze.

Fred – Ah, pois é. Como naquele filme.

Max – Que filme?

Alex – Doze Homens em Fúria.

Fred – Esse mesmo. Têm de decidir se condenam à morte um jovem acusado de homicídio, que pode ser inocente.

Max – Não conheço...

Alex – E, como seria de esperar, o acusado é negro.

Fred – Não. É só um rapaz pobre de dezoito anos.

Max – E a senhora tê-lo-ia condenado?

Fred – Não sei... É preciso conhecer o processo primeiro, não acha?

Max – Eu sou a favor da pena de morte.

Alex – Até para os inocentes?

Max – Inocentes? Se acreditarmos neles, todos os patifes que estão na prisão são inocentes.

Alex – Bem... Isto promete...

Silêncio pesado.

Max – Doze, têm a certeza?

Fred – Talvez ainda venham mais...

Alex – Seja como for, ouviram-no. Disse que não era para isso.

Max – Se não é para um julgamento, então é para quê?

Fred *(Em voz baixa, apontando para o público)* – E eles sabem porque estão aqui?

Max – Já lhes perguntei. Parece que também não fazem ideia...

Fred – Então só nos resta esperar... *(Silêncio.)* Se vamos passar algum tempo juntos, mais vale apresentarmo-nos. Chamo-me Fred. E vocês?

Max – Max.

Alex – Alex.

Novo silêncio embaraçoso.

Fred – Afinal, também estou com sede. Alguém quer alguma coisa?

Alex – Não, obrigada.

Fred abre o frigorífico e tira uma lata.

Max – Espero que não nos prendam aqui muito tempo, porque tenho mais que fazer. E, quando não trabalho, não recebo.

Alex – E o que faz?

Max – Sou empregado de mesa. Num bar. Já não podemos abrir à noite... E a senhora?

Alex – Sou música.

Max – Ah, está bem...

Alex – Como assim, «está bem»?

Max – Para si também não deve ser nada fácil.

Alex – Pois não...

Max – Os concertos acabaram há muito tempo...

Alex – Estamos a tentar gravar um álbum e divulgá-lo na Internet.

Max – Estou a ver... E a senhora?

Fred – Sou professora do ensino básico.

Max – Estamos todos metidos na mesma porcaria. Falar com miúdos através de uma máscara...

Fred – Pois...

Max – Não deve ser fácil. Sobretudo quando tem de lhes gritar. Nunca tem a sensação de andar com um açaime?

Fred – Um bocadinho, sim...

Max – Empregado de bar, professora, música... É curioso. Antes eram profissões muito diferentes. Agora estamos todos no mesmo barco.

Alex – Já não estávamos antes?

Max – Como?

Alex – Já estávamos todos no mesmo barco.

Max – Pois... Mas agora, para termos autorização para remar, somos obrigados a usar máscaras.

Alex – E, quando acabamos de remar, por causa do recolher obrigatório, temos de ir diretos para casa e não sair até à manhã seguinte. Casa, trabalho, cama... Não foi só aos professores que puseram um açaime...

Max – Pois... Acabaram-se as conversas com os amigos até tarde no café.

Alex – Ou até à porta de casa, com os vizinhos...

Max – Nós trabalhávamos sobretudo à noite. A faturação caiu para metade. Quanto às gorjetas...

Fred – Também não é o fim do mundo. Temos de fazer alguma coisa para tentar travar isto.

Alex – Não é o fim do mundo, não. É apenas o fim de um mundo. Não sei se quero viver naquele que nos querem impor, a pretexto de nos protegerem.

Fred – Se tiver outra solução...

Alex – Deixar de viver para não morrer, é essa a solução?

Max – Seja como for, por enquanto somos reféns aqui, sem sequer sabermos onde estamos e sem as nossas famílias saberem onde nos encontramos.

Fred – É casado?

Max – Não, mas podia ser. E a senhora?

Fred – Também não.

Alex – Nenhum de nós é casado. Ao menos temos isso em comum.

Fred – Talvez nos tenham escolhido por isso.

Max – Para que os nossos cônjuges não fiquem preocupados com o nosso desaparecimento?

Alex – Julguei que tínhamos sido sorteados.

Pausa.

Fred – Tenho um gato.

Alex – Desculpe?

Fred – Tenho um gato à minha espera em casa.

Alex – E tem medo que ele fique preocupado?

Max – Os gatos, desde que lhes deem de comer...

Fred – Pois, mas só lhe deixei comida para um ou dois dias. Não pensei que nos pudessem reter durante dias a fio. E nem sequer trouxe nada comigo. Nem uma escova de dentes.

Alex – Acha que vamos dormir aqui?

Pausa.

Max – Bem, estou farto disto. Vou-me embora...

Fred – Não tenho a certeza de que tenhamos esse direito.

Alex – O direito?

Max – Seja como for, vou fumar um cigarro lá fora e tentar perceber onde estamos.

Sai para os bastidores.

Alex – O que é que acha disto?

Fred – Ele disse que voltava.

Alex – Ah, sim... Sam...

Fred – Sam?

Alex – O polícia! Aquele que nos trouxe. É assim que se chama, não é? Ao telefone disse «Sam».

Fred – Ah, talvez...

Alex – De qualquer maneira, aposto que nem é o nome verdadeiro dele.

Fred – Acha que é polícia?

Alex – Espero que sim... Porque, se não for polícia...

Fred – Quer dizer... que podemos ter sido raptados?

Alex – Não sei.

Fred – Mas... por que razão nos haveriam de raptar?

Alex – Talvez seja um agente dos serviços de segurança, ou qualquer coisa do género.

Fred – Mais cedo ou mais tarde hão de dizer-nos o que fazemos aqui e o que querem de nós.

Alex – Pois... De certeza...

Max regressa.

Fred – Então?

Max – Estamos trancados.

Alex – O quê?

Max – Só há uma porta. Está fechada à chave. E é blindada.

Alex – Portanto, é oficial. Estamos presos.

Os três assimilam a informação.

Fred – Talvez seja para nos proteger...

Max – Proteger-nos? De quê?

Fred – Não sei.

Sam regressa.

Sam – Muito bem, podemos começar...

Alex – E se começasse por explicar porque estamos fechados à chave?

Sam – Vou contar-vos tudo, mas primeiro apresento-me. Chamo-me Sam e sou conselheiro especial do Presidente...

Fred – Do Presidente? Quer dizer... do presidente do tribunal?

Sam – Não... Do Presidente. Do Presidente da República.

Estupefação geral.

Max – Do Presidente da República?

Sam – Conselheiro especial dele, sim. Bem, um dos conselheiros. Como podem imaginar, há vários.

Alex – Mas que história é esta?

Fred – Isto só pode ser uma brincadeira.

Sam – Não é brincadeira nenhuma. Se me deixarem falar, explico-vos tudo.

Max – Tentei sair e a porta estava fechada. Podia começar por explicar isso.

Alex – Estamos aqui detidos? Porque, se for esse o caso, é completamente ilegal e exijo falar com um advogado.

Sam – Só vos peço mais um pouco de paciência. Temos um assunto importante a resolver. E, entretanto, de facto, ninguém pode sair daqui.

Alex – E se eu quiser sair na mesma?

Ela dá um passo em frente.

Sam – Não aconselho.

O tom de Sam não admite réplica. Afasta oportunamente uma aba do casaco e vê-se pela primeira vez a pistola que traz à cintura.

Fred – Está armado?

Alex – E está a ameaçar-nos?

Sam – Tenho uma arma, sim. Mas é sobretudo para vos proteger.

Max – Claro... Para nos proteger de nós próprios... Já conhecemos essa conversa...

O telemóvel de Sam volta a tocar.

Sam – Peço desculpa... *(Ao telemóvel)* Não, não, está tudo bem... Tenho a situação perfeitamente controlada, garanto-lhe... Sim, evidentemente... Claro...

Sai.

Alex – Tenho a certeza de que estamos a ser filmados.

Fred – Quer dizer... para um filme? Uma câmara oculta, um programa desses?

Alex – Filmados! Por câmaras de vigilância! Viram bem. Fingi que ia sair à força e ofereceram-lhe logo reforços.

Silêncio.

Fred – O conselheiro do Presidente da República...

Max – Isto é de loucos.

Alex – Se for verdade, é um assunto de Estado. Estamos nas mãos de uma polícia paralela que talvez atue à margem da lei.

Max – Mas o que temos nós a ver com isso? Não somos terroristas! Pelo menos eu não sou...

Fred – Isto é um pesadelo. Vamos acordar.

Alex – Olhe que há pesadelos dos quais mais vale não acordar.

Max – Que quer dizer com isso?

Alex – Com que sonha um condenado à morte na véspera da execução? Mesmo que esteja a ter um pesadelo, não preferiria continuar a dormir? Em vez de acordar na cela e ouvir o carrasco a afiar a lâmina da guilhotina na sala ao lado.

Fred – Obrigada por nos animar...

Alex – Desculpem, não sou otimista por natureza.

Max – Já tínhamos reparado.

Alex – Mas não acham que o mundo em que vivemos já é um pesadelo?

Fred – Está a exagerar um pouco...

Alex – Diz isso porque é, tal como eu, uma pessoa relativamente privilegiada. E se vivesse numa zona de guerra, ou num território sitiado?

Fred – É verdade que a vida não é fácil para toda a gente.

Alex – Mesmo no nosso país, não é a mesma coisa viver num bairro rico ou num bairro abandonado, pois não?

Max – E mesmo sem viver num bairro abandonado... Com tudo o que se passa agora. Já não é como antigamente...

Alex – Nem nos apercebemos, porque as coisas foram mudando aos poucos. Mas, se recuarmos dez anos...

Max – Por acaso até tem razão... Com todos os estrangeiros que acolhemos no nosso país. Refugiados políticos, refugiados económicos, refugiados climáticos... E depois admiramo-nos quando aparecem doenças novas por cá...

Alex – Não estava a falar desse tipo de doenças... Falo desta ditadura disfarçada que nos vão impondo, pouco a pouco. Daqui a dez ou vinte anos, a nova geração não terá conhecido outra coisa, e nós é que vamos parecer loucos.

Fred – Desculpem perguntar, mas... alguém aqui tem alguma coisa na consciência?

Alex – Pronto, agora é que chegámos lá...

Fred – Estão a reter-nos contra a nossa vontade. Parece uma detenção. Deve haver uma razão.

Max – E a senhora, claro, não tem nada a apontar a si própria.

Fred – Tirando uma ou duas multas por excesso de velocidade, há uns anos, não estou a ver. Talvez seja um erro judicial.

Max – Claro, um erro judicial. No seu caso, imagino. Mas a nós pergunta-nos se temos alguma coisa a esconder.

Fred – Ou talvez se trate de terrorismo... Nesses casos as investigações são por vezes confusas e podem andar no limite da legalidade.

Alex – Isto é digno de Kafka! Prendem-nos sem motivo nenhum e, daqui a nada, somos nós que temos de descobrir de que crime podemos ser culpados...

Fred – Seja como for, não devemos tardar a descobrir...

Sam regressa.

Sam – Muito bem... Prefiro avisar-vos: o que tenho a dizer não é fácil de ouvir. Diria até que é bastante difícil de acreditar. Mas é a verdade.

Max – Já cá estamos há algum tempo e gostávamos de voltar para casa. Se pudesse dispensar-nos dos preliminares...

Sam – Compreendo a vossa impaciência. Por isso vou ser o mais direto possível. O que tenho para vos anunciar é... o fim do mundo.

Os outros três ficam petrificados.

Escuro.

ACTO 2

Alex, Fred e Max estão consternados, entre a incredulidade e a angústia. Sam mantém-se impassível.

Max – O fim do mundo?

Alex – Precisamente, estávamos a falar disso antes de chegar... Porque também não vai acreditar, mas o mundo de que gostávamos já deixou de existir há muito tempo.

Max – Metade da população está desempregada. As pessoas estão dispostas a aceitar qualquer coisa por um salário miserável.

Alex – Morre-se nos hospitais porque, supostamente, não há camas suficientes. E, em vez de construírem mais hospitais, aumentam o orçamento da polícia e do exército.

Fred – Sim, mas... isso não é o fim do mundo. É para nosso bem. E é uma situação provisória, não é?

Max – Uma situação provisória que dura há mais de dez anos? A isso chamo eu definitivo.

Alex – O estado de emergência tornou-se a regra, o recolher obrigatório é permanente, todas as liberdades públicas foram sendo suspensas...

Max – E nem sequer podemos ir beber uns copos com os amigos ao café para esquecer tudo isso.

Fred – Mas diga-nos, Sam... é a isto que chama o fim do mundo?

Sam – Não, minha senhora, infelizmente. Estou a falar da destruição total do nosso planeta.

Alex – Destruição total? Quer dizer... uma guerra nuclear?

Sam – Não. Não é uma guerra nuclear.

Fred – Então o quê? A poluição, o aquecimento global, a subida do nível do mar, coisas desse género...

Max – Há anos que não nos falam de outra coisa. Mas não é para já, pois não? Foi para discutir isso que nos trouxeram de urgência até aqui, de olhos vendados?

Sam – Também não se trata de uma degradação gradual das condições de vida no planeta. Estou a falar do fim da vida na Terra, num futuro muito próximo.

Silêncio.

Fred – Explique-se.

Sam – Como sabem, todos os anos a Terra colide com milhares de corpos celestes de dimensões muito diferentes. A maioria é suficientemente pequena para se desintegrar por completo ao entrar na atmosfera. Alguns, maiores, causam danos pouco significativos. Outros são suficientemente grandes para provocar uma catástrofe de enormes proporções.

Fred – Para isso acontecer, a Terra teria de ser atingida por um asteroide gigantesco, não?

Sam – Infelizmente, nem por isso. A partir de algumas centenas de metros de diâmetro, o fim da vida na Terra deixa de ser uma possibilidade para passar a ser uma certeza.

Silêncio.

Alex – E então?

Sam – Há vários anos que os cientistas detetaram um asteroide gigantesco em rota de colisão com a Terra. Foram aperfeiçoando os cálculos à medida que se aproximava. Agora não restam dúvidas de que vai haver uma colisão.

Fred – Qual é o tamanho dele?

Sam – Mil quilómetros de diâmetro.

Silêncio.

Max – E não podemos fazer nada para o impedir? Sei lá... Mandar uma bomba atómica contra o asteroide para o partir em bocados...

Fred – Ou um raio laser, para lhe desviar um pouco a trajetória?

Sam – Talvez nos filmes de ficção científica... Ou se fosse um objeto muito mais pequeno. Até um quilómetro, eventualmente, embora nunca se tenha tentado. Mas estamos a falar de um monstro do tamanho de um país inteiro... Não existe na Terra tecnologia capaz de desviar, por pouco que seja, a trajetória de um asteroide destas dimensões.

Silêncio.

Max – Isto é uma partida...

Sam – Gostava de poder dizer-lhe que sim. Garanto-lhe. Eu também tenho família. Mulher. Filhos... Tenho medo de os perder. E, como vocês, tenho medo de morrer.

Fred – Mas... como é possível que ninguém tenha ouvido falar disto até hoje? Uma informação destas não pode ser mantida em segredo. Os jornais teriam noticiado...

Alex – Os jornais... Recordo-lhe que há muito renunciámos à liberdade de imprensa. A censura prévia voltou. Até temos outra vez um Ministério da Informação, como nas antigas ditaduras!

Sam – Dadas as consequências trágicas e inevitáveis desta colisão, os governos pediram aos cientistas do mundo inteiro que não divulgassem a informação, para evitar o pânico.

Fred – E todos aceitaram ficar calados?

Sam – Os que não aceitaram foram obrigados a fazê-lo.

Max – Quer dizer que foram presos?

Alex – Ou executados...

Sam – A maioria percebeu que não valia a pena alarmar a população, já que não existe nenhuma saída.

Max – Tenho a impressão de ter lido qualquer coisa sobre isso há uns anos.

Sam – De facto, houve algumas fugas de informação. Tratámos de as apresentar como notícias falsas. Este tipo de especulação aparece regularmente quando a imprensa não tem mais nada de que falar. Normalmente a probabilidade de impacto é muito baixa ou a data prevista está ainda muito distante.

Fred – E agora, qual é o prazo?

Sam – Um mês.

Silêncio.

Fred – E diz que não há qualquer dúvida?

Sam – Nunca se tem cem por cento de certeza, mas a probabilidade é atualmente de 99,99%. É praticamente certo.

Pausa.

Alex – E se não acreditarmos em si?

Sam – Que interesse teríamos em mentir-vos?

Alex – Já nos mentem há muito tempo, não é? Acerca da pandemia que nos atingiu há anos. Aproveitaram-na para instaurar uma ditadura, que até tem a vantagem de ser apoiada por metade da população.

Sam – Fomos eleitos democraticamente.

Alex – Pois, é exatamente o que eu dizia... A democracia... As pessoas são ovelhas. Basta prometerem que vão cuidar delas e estão prontas a seguir qualquer pastor e a obedecer aos seus cães. Desde que o caminho seja seguro e as protejam dos lobos, preferem esquecer que o destino final é o matadouro.

Silêncio.

Sam – Vou fazer-vos outra confissão para provar que estou a ser sincero...

Max – Temo o pior...

Sam – A pandemia, no início, foi bem real. Mas é verdade que exagerámos um pouco as consequências, para justificar a implantação progressiva de um regime de exceção.

Fred – Mas... porquê?

Sam – Os cientistas já nos tinham alertado para a iminência deste apocalipse. Foi uma forma de preparar gradualmente a população para medidas muito mais radicais. Não para afastar a ameaça, que infelizmente é inevitável, mas para impedir o caos que teria precedido o fim do mundo se o tivéssemos anunciado a todos.

Alex – Portanto admite que fomos manipulados.

Sam – Sim, mas não pelas razões que imaginava.

Max – E sempre para nosso bem, claro.

Silêncio.

Fred – Admitamos que acreditamos em si. Por que razão nos contam agora?

Max – E porquê nós? Nós os três? Por que nos escolheram?

Alex – Não somos cientistas! Não temos poder nenhum. Não podemos fazer milagres por vocês!

Sam – Infelizmente já não estamos à procura de soluções. Porque não existem.

Max – Então que estamos a fazer aqui, em vez de aproveitarmos o mês que ainda nos resta?

Sam – Se vos trouxemos aqui foi para... *(O telemóvel toca.)* Desculpem. *(Atende.)* Sim, senhor Presidente...

Sai. Os outros ficam em silêncio por instantes.

Max – Acreditam nesta história toda?

Alex – Já nem sei... E vocês?

Fred – Por que razão haviam de nos contar uma história destas se não fosse verdade?

Max – Ou então é um jogo...

Fred – Um jogo?

Max – Parece um escape room, não parece?

Fred – Um quê?

Alex – Um jogo de fuga! Fecham várias pessoas numa sala e elas têm de encontrar, em conjunto, a solução para conseguir sair.

Max – Só que, neste caso, a sala onde estamos presos é a Terra e, pelos vistos, não há maneira de sair.

Alex – Se ao menos nos deixassem sair daqui...

Silêncio. Fred acaba de beber a sua lata e não sabe onde a pôr.

Fred – Não vi nenhum caixote para reciclagem...

Max – Mas que raio interessa reciclar latas se vamos todos morrer daqui a um mês?

Fred – Pois, claro...

Max – Há anos que andamos a separar o lixo para salvar o planeta, e agora anunciam-nos que o mundo acaba daqui a um mês! Para que serviu tanto trabalho?

Fred – Acha mesmo que essa é a questão?

Max – Ah, claro, desculpe. A senhora é muito esperta. É professora. Então qual é a questão, na sua opinião?

Alex – Era precisamente isso que gostávamos de saber. Pelos vistos temos de lhe responder.

Sam regressa.

Sam – Desculpem... Onde é que íamos?

Max – O que raio estamos aqui a fazer! Era essa a pergunta!

Fred – Afinal, o que espera de nós? Se pudermos ser úteis, estamos dispostos a colaborar.

Max – Não temos nada contra a polícia, garanto-lhe...

Alex – Fale por si...

Sam – Ouçam... Estamos todos no mesmo barco. O barco não se chama Titanic, chama-se Terra. Sabemos que vai embater contra um enorme bloco de gelo daqui a um mês. Não há maneira de evitar a colisão, não há botes salva-vidas nem navios por perto que nos possam socorrer. Portanto, não haverá sobreviventes.

Alex – E porque é que nos revela, precisamente a nós os três, esse suposto segredo de Estado que escondem do mundo inteiro há pelo menos dez anos?

Max – É verdade. Nós não lhe pedimos nada.

Alex – Mentem-nos sobre tudo há anos. Podiam ter escondido isto também.

Fred – Está na altura de nos dizer porque estamos aqui.

Sam – Estão aqui para nos dar a vossa opinião. Queremos saber qual é a melhor maneira de gerir este último mês antes do fim do mundo.

Alex – Essa é boa! Há mais de dez anos que decidem tudo por nós. E agora, que vamos todos morrer, somos nós que temos de gerir o fim da humanidade? Aposto que até teremos de pagar o funeral!

Max – E durante quanto tempo vamos ficar trancados aqui?

Fred – Se vamos morrer, ao menos gostávamos de voltar a ver as pessoas de quem gostamos e passar com elas o pouco tempo que nos resta.

Max – Não vão manter-nos presos até ao fim do mundo!

Sam – Não se preocupem, não vos vamos reter muito tempo. Nas circunstâncias atuais, o tempo escasseia. Têm uma hora para decidir.

Alex – Decidir... Agora somos nós que decidimos?

Sam – Digamos que... a vossa opinião será tida em conta. E terá um peso determinante.

Max – Mas decidir o quê, ao certo?

Sam – Se devemos informar ou não a população de que o fim do mundo está iminente.

Alex – E vamos decidir por toda a gente?

Sam – Foram escolhidos ao acaso. Representam... a voz do povo.

Fred – A voz do povo? Nós os três?

Sam – Serão os únicos a falar, mas um grupo mais alargado de cidadãos ouvirá os vossos argumentos e será chamado a votar.

Max – E onde está esse grupo de cidadãos?

Sam aponta para o público.

Sam – Mesmo à vossa frente.

Estupefação geral.

Fred – Não...?

Alex – Então eles também estão aqui contra a sua vontade...

Sam – Fizemo-los vir com o pretexto de assistirem a um espetáculo. Também não poderão sair desta sala até chegarmos a uma decisão.

Fred – E, como nós, estão isolados do mundo.

Sam – Durante uma hora, pelo menos. As portas estão fechadas e pedimos-lhes que desligassem os telemóveis. Estamos todos reunidos para decidir o que fazer com o tempo que nos resta até ao fim do mundo.

Pausa.

Fred – É uma responsabilidade enorme...

Sam – Sem dúvida.

Alex – E é o nosso país que vai decidir sozinho pelo mundo inteiro?

Sam – Serão organizadas reuniões destas em vários pontos do planeta. Os resultados serão reunidos e a opinião da maioria será tida em conta.

Alex – E o senhor?

Sam – Eu?

Alex – Vai participar no debate?

Sam – Estou aqui apenas para recolher a vossa opinião.

Silêncio.

Fred – Bem... Pode repetir-nos a pergunta?

Alex – Despachemos isto...

Sam – A questão é a seguinte: devemos avisar a população, correndo o risco de provocar o pânico, ou mantê-la na ignorância, para não a inquietar inutilmente? É isso que temos de decidir. Estamos aqui para ouvir o ponto de vista e os argumentos de cada um.

Silêncio.

Alex – Sou pela transparência. Em todas as circunstâncias. Sejam quais forem as consequências. As pessoas têm o direito de saber.

Max – Se só temos mais um mês de vida, mais vale passá-lo de férias do que a trabalhar.

Alex – Um mês... Podemos considerá-lo o saldo final das nossas últimas férias pagas...

Fred parece perdida nos seus pensamentos. Sam dirige-se a ela.

Sam – E a senhora, que pensa?

Fred – Nem consigo pensar... Só tenho medo... Posso tomar um comprimido?

Tira um comprimido da mala e engole-o.

Sam – Quer um copo de água?

Escuro.

ACTO 3

Fred vai recuperando aos poucos. Alex e Max esforçam-se por manter as aparências. Sam continua imperturbável.

Sam – É perfeitamente normal ter medo, minha senhora. Eu também tenho medo. Todos temos medo. Pelo menos, todos os que sabem. Mas estamos aqui para tomar uma decisão e precisamos de ouvir o que tem para nos dizer.

Pausa, durante a qual Fred tenta organizar as ideias.

Fred – Não dizer nada... É um pouco como esconder de alguém que está prestes a morrer, para o poupar. Se eu tivesse uma doença incurável e só me restasse um mês de vida, acho que preferia saber. Para poder aproveitar os últimos momentos, fazer um balanço, pôr os assuntos em ordem... Em resumo, concentrar-me no essencial.

Sam – Claro. É a primeira coisa que nos vem à cabeça. E é um argumento perfeitamente válido...

Alex – Estou a adivinhar um «mas»...

Sam – Mas, por outro lado, acabou de dizer que tem medo... A perspetiva de uma morte certa, numa data anunciada, aterroriza-a. Talvez preferisse não saber...

Fred – Talvez...

Sam – E há outra coisa... Voltando à sua comparação, uma pessoa com cancro a quem restam poucas semanas de vida é um caso isolado. Seja qual for a sua reação ao anúncio da morte, é pouco provável que isso abale a ordem mundial. Mas agora estamos a falar de toda a população do planeta...

Alex – Disse-nos que estava aqui apenas para ouvir a nossa opinião e já está a tentar influenciar-nos.

Sam – Eu não vou votar. O meu papel é moderar o debate, para que todos os aspetos da questão sejam discutidos e se tome uma decisão com pleno conhecimento de causa.

Fred – Estamos a ouvi-lo.

Sam – Pensemos um instante. Se uma pessoa, sabendo que vai morrer em breve e que já não tem nada a perder, decidir matar o patrão, violar a vizinha ou assaltar um banco, não passará, no fim de contas, de mais um caso de polícia.

Max – E então?

Sam – Agora imaginem isso à escala da população inteira do planeta. Deixa de haver medo da prisão. A única coisa de que temos medo é de morrer, e disso ninguém nos pode livrar. Vai ser o caos...

Silêncio.

Fred – É um risco, realmente... Saber que se pode fazer tudo impunemente, porque de qualquer forma vamos morrer daqui a um mês...

Max – Pois é. Vai ser a anarquia total.

Alex – Por outro lado, nunca vimos um doente a quem acabaram de anunciar que vai morrer em breve correr a casa do vizinho com quem está zangado para lhe espetar um picador de gelo nas costas.

Max – Talvez porque um doente terminal esteja demasiado fraco para isso. Mas uma população inteira de boa saúde...

Sam – Infelizmente, o senhor tem razão. Todos os alicerces da ordem social vão desmoronar-se de uma vez. A polícia, a justiça... É de recear que ninguém respeite lei nenhuma.

Fred – Restará a moral. E, para alguns, a religião.

Sam – Acredita mesmo que os bons sentimentos bastam para fazer respeitar a lei, quando o medo da polícia desaparece perante a certeza de uma morte coletiva iminente?

Alex – Mesmo quando sabemos que vamos morrer, ainda nos resta alguma humanidade. Mais do que da morte, temos medo de perder a alma.

Max – Nem toda a gente acredita em Deus. A senhora acredita?

Alex – Não. Mas o que todos receamos não é Deus, é o Diabo. E temos tanto medo de arder no inferno como de estar entre os que atiçam as chamas. A maioria das pessoas não quer fazer parte nem do grupo das vítimas nem do grupo dos carrascos.

Sam – Nem sempre temos a opção de não escolher... Nos campos de extermínio, propunham a alguns prisioneiros que trabalhassem para os carrascos. A maioria aceitava. Para salvar a pele e sobreviver mais algumas semanas. Na esperança de sair dali com vida...

Alex – Alguns saíram de lá, mas deixaram lá a alma... Imaginem a vida daqueles que sobreviveram a esse preço.

Max – Seja como for, estão a dizer-nos que aqui ninguém tem hipótese de sair vivo.

Fred – Enquanto há vida, há esperança. Até ao último instante, um condenado à morte espera por um indulto presidencial, mesmo que tenha a certeza de que não vai chegar.

Max – Podemos sempre esperar por um milagre, claro...

Fred – Não se consegue viver sem esperança, mesmo quando o pior é quase certo. Quando perdemos toda a esperança, já estamos mortos. Eu vou conservar um pouco, até ao último instante...

Pausa.

Max – Pois... Na verdade, eu... se só tivesse mais um mês de vida e soubesse que depois não ia ter de prestar contas a ninguém, havia uma ou duas pessoas que matava... A começar pelo meu cunhado.

Fred – Julgava que não era casado...

Max – O meu cunhado! O marido da minha irmã!

Fred – Não se irrite... Estava só a comentar.

Alex – Mas vale a pena matar alguém que de qualquer forma vai morrer daqui a um mês?

Max – Pelo prazer, então...

Sam – Ora aí está... A palavra certa... Pelo prazer...

Fred – Eros e Tânatos...

Sam – Qualquer psicanalista vos dirá que o medo da morte e o desejo sexual estão intimamente ligados.

Max – Alto lá! Eu só disse que queria dar cabo do meu cunhado. Nunca disse que queria ir para a cama com ele!

Alex – Eros e Tânatos... Está a delirar... Daqui a pouco vai dizer-nos que o fim do mundo culminará num gigantesco orgasmo coletivo.

Sam – Eu estava antes a pensar numa explosão de violência contra os mais fracos. Mulheres, crianças... A perspetiva de uma morte certa pode libertar os piores instintos humanos.

Alex – Isso são fantasias... Conhece os seus vizinhos. Acha mesmo que, se soubessem que iam morrer daqui a um mês, corriam amanhã a sua casa para a violar e matar?

Fred – Não sei... Os meus vizinhos, de certeza que não.

Max – Mas e os vizinhos dos seus vizinhos?

Fred – Já percebi... E os vizinhos dos vizinhos dos vizinhos... Os que vivem do outro lado da cidade, ou da fronteira... Os moradores dos bairros periféricos, os estrangeiros...

Max – Os dos bairros periféricos, os estrangeiros... Muitas vezes são os mesmos...

Alex – Estou a ver...

Max – E até o seu próprio vizinho... Todas as maldades que faz quando a senhora vira costas... Por exemplo, meter o lixo dele no seu caixote, à porta de casa, para não ter o trabalho de pôr o dele na rua... Ou espreitá-la discretamente da janela dele enquanto toma duche e se esquece de fechar as cortinas.

Alex – Parece que fala por experiência própria...

Max – Vá dar uma volta!

Fred – Vá lá, vamos manter a educação.

Sam – E voltemos à questão que nos trouxe aqui. Não podemos saber o que acontecerá, evidentemente. Mas a ordem social assenta sobretudo na ameaça do castigo: uma pena de prisão ou a simples vergonha de ver uma conduta condenada pela família, pelos vizinhos e pela sociedade. Se retirarmos esse travão, é de temer o pior.

Fred – Tem razão. Vai imperar a lei da selva, ou seja, a lei do mais forte. E serão os mais fracos a sofrer.

Alex – Mas ainda têm o exército, não têm?

Sam – Os militares também são pessoas. Obedecem às ordens por obrigação e para receber o ordenado. No melhor dos casos, por sentido de dever e para proteger a sociedade. Mas, se essa sociedade está condenada a desaparecer em breve, acha mesmo que continuarão dispostos a sacrificar a vida para manter a ordem?

Max – Portanto, na sua opinião, é melhor esconder a verdade?

Sam – Não sei... A verdadeira pergunta é se, ao contarmos a verdade, não estaremos a transformar este último mês da história da humanidade num verdadeiro inferno.

Alex – Mas não somos crianças! As pessoas têm o direito de saber! Para manter a ordem a qualquer preço, até ao último instante, devemos deixar a humanidade na ignorância da sua própria extinção?

Sam – Tem razão. Não se trata apenas de manter a ordem. Há também uma questão ética. É por isso que é importante debatê-la.

Alex – Proteger a população do medo do apocalipse e do caos que pode vir antes... Muito bem. Mas, se vamos todos morrer, que diferença faz, no fim de contas? Eu prefiro saber...

Max – Aliás, imagino que, a partir de certa altura, vai ser impossível esconder a verdade. Quando o asteroide estiver mesmo a aproximar-se...

Sam – Esta bomba-relógio avança para nós a uma velocidade vertiginosa. Embora seja suficientemente grande para nos destruir, não tem o tamanho de um planeta. Segundo os cientistas, vinte e quatro horas antes do impacto ainda não será visível a olho nu.

Alex – A pretexto de nos protegerem do terrorismo e de toda a espécie de epidemias, impuseram-nos uma sociedade militarizada, tratando a população como se fossem crianças. Como as pessoas têm medo de tudo, aceitam seja o que for. Primeiro puseram-lhes uma mordaça na boca; agora querem vendar-lhes os olhos, para que não vejam a morte de frente?

Sam – Eu também não tenho certezas. Estamos aqui para discutir. E para tomar uma decisão... O que pensam os outros?

Max – Não sei...

Fred – Já nem sei. Não somos crianças, está bem. Mas, precisamente, o que vamos dizer às crianças?

Max – Pois, isso também levanta um problema. Podemos esconder-lhes a verdade se os pais souberem?

Fred – E a partir de que idade devemos contar-lhes?

Sam – Agora compreendem que a questão não é tão simples como parece...

Alex – Com certeza. Mas esconder a verdade também é uma decisão de uma elite, não é?

Max – Explique-se.

Alex – Tirando nós e as pessoas que estão nesta sala, se decidirmos esconder a verdade do resto da população, só alguns privilegiados saberão. O povo ficará na ignorância. Continuará com a sua vidinha miserável, como se nada se passasse, enquanto a elite se prepara para a grande noite, divertindo-se ou rezando, conforme lhe apetecer.

Sam – É um ponto discutível, sem dúvida.

Alex – Parte do princípio de que o povo lançaria o mundo no caos se soubesse, enquanto a elite manteria a calma e aproveitaria tranquilamente os seus últimos momentos. Porquê? Por ser supostamente mais responsável?

Sam – Não sei...

Alex – Porque a elite já tem tudo. É por isso. E, portanto, tem tudo a perder se a notícia do fim do mundo desencadear o caos. O povo não tem nada. Logo, não tem nada a perder. De que têm medo, exatamente? De que os comboios deixem de chegar a horas? De que os operários deixem de ir à fábrica? De que as lojas sejam saqueadas? De uma quebra da bolsa? É isso que vos preocupa? Que tudo continue no seu lugar até à explosão final?

Silêncio.

Sam – Ouço os vossos argumentos e todos merecem respeito. Mas temos de tomar uma decisão. Digam-me, os três, pessoalmente: se pudessem escolher, preferiam saber ou não saber?

Fred – Gostava de poder responder, mas francamente... não sei.

Max – Seja como for, para nós já é tarde. Não nos deram escolha.

Fred – Eu, pensando melhor... Acho que preferia não saber.

Alex – A menos que isto seja outra aldrabice, para nos controlarem ainda mais.

Sam – Seja como for, daqui a exatamente um mês saberão se vos mentimos ou não. Entretanto, se isso vos tranquiliza, encarem esta situação como um exercício de escola. No fundo, não altera nada no debate.

Fred – Acho que altera. A resposta de cada um seria diferente se a questão fosse puramente teórica.

Alex – Acha?

Fred – Se a questão for só teórica, temos tendência a raciocinar, como a senhora, a partir de um mundo ideal em que a maioria das pessoas continuará a comportar-se como bons cidadãos até ao fim. Mas, se isto se tornasse realidade... Está mesmo disposta a apostar na bondade da natureza humana? E na suposta benevolência dessa abstração a que chama «povo»?

Max – Ela tem razão. Acha sinceramente que as pessoas do povo, como lhes chama, são fundamentalmente melhores do que os privilegiados que nos exploram e os canalhas que nos governam?

Alex – Não sei...

Fred – Os seres humanos são todos parecidos, sobretudo no pior. Uns tiveram a sorte de nascer num bairro privilegiado, só isso. E os outros só sonham em ocupar o lugar deles. Não em acabar com a divisão entre os bairros.

Pausa.

Fred – Há uma coisa curiosa. Todos sabemos que um dia vamos morrer. Mais cedo ou mais tarde. Daqui a vinte anos ou daqui a um mês. Mas, em geral, enquanto não conhecemos a data, vivemos como se fôssemos imortais. Não temos esse sentimento de urgência.

Alex – É isso que permite aos governantes fazerem-nos engolir tanta coisa. Se as pessoas vivessem como se fossem morrer dentro de poucas semanas, não aceitariam tudo o que lhes impõem.

Fred – Aliás, na nossa sociedade faz-se tudo para esconder a morte, para torná-la o mais abstrata possível. Vamos todos morrer e a maioria de nós nunca viu um cadáver na vida. A morte não é apenas um tabu, é um segredo de Estado.

Max – E quando nos ameaçam com a morte é só para controlar a nossa vida. Como se, no fim de contas, pudéssemos mesmo evitá-la!

Sam – Isso agora é passado. Não vale a pena perdermo-nos num debate puramente filosófico. Estamos aqui para decidir. Sim ou não. Não há meio-termo.

Max – Ninguém nos preparou para tomar decisões destas. Não somos especialistas.

Sam – Ninguém está preparado para enfrentar uma situação destas, que nunca aconteceu e nunca mais acontecerá. Porque daqui a um mês estaremos todos mortos...

Pausa.

Fred – Que horror... E pensar que deixei o meu gato sozinho em casa. Ele, pelo menos, não desconfia de nada.

Max – Não tenha tanta certeza... Dizem que os animais têm um sexto sentido para prever estas catástrofes...

Fred – Tem razão... Na altura do último tsunami, por exemplo, parece que...

Sam – O tempo está a acabar... Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar?

Fred – Não.

Max – Eu também não.

Alex – Já disse o que tinha a dizer.

Sam – Muito bem. Vamos votar de braço no ar.

Alex – E o senhor?

Sam – Não vou votar. São três, portanto haverá necessariamente uma maioria. Não são permitidas abstenções.

Max – Está bem, despachemos isto.

Sam – Só mais uma coisa. Se o segredo vencer, todos terão de o respeitar. Não poderão dizer nada a ninguém, nem sequer às pessoas de quem mais gostam. Seja qual for o vosso voto.

Alex – E se falarmos na mesma?

Sam – Não estou a brincar, minha senhora, e vou ser muito claro. Nesse caso, sabemos onde encontrá-la para a calar definitivamente.

Alex – Bela conceção da liberdade de expressão e da democracia...

Sam – Já não é altura de discutir isso. Vamos votar. Quem é a favor da verdade?

Hesitação. Alex levanta a mão.

Sam – Um voto. Quem é a favor do segredo?

Alex – Eu chamaria a isso mentira. Mentira de Estado.

Fred e Max levantam a mão.

Sam – O segredo é aprovado por dois votos contra um.

Alex – Já podemos ir embora?

Sam – Ainda não. Falta uma coisa. É preciso que o público vote também. Ouviu os vossos argumentos. Agora cabe-lhe pronunciar-se.

Alex – O público?

Sam – O público, sim. Quero dizer, este grupo de cidadãos. Então... Minhas senhoras e meus senhores... Quem é a favor da verdade a todo o custo, levante a mão.

Parte do público levanta a mão.

Sam – Quem é a favor do segredo?

Parte do público levanta a mão.

Sam – A maioria é a favor da verdade *(ou do segredo, conforme o resultado)*.

Alex – Já está? Somos livres? Se ainda posso usar essa palavra...

Sam – Daqui a instantes virão buscar-vos para vos levarem a casa.

Max – Quanto mais depressa, melhor...

O telemóvel de Sam toca.

Sam – Com licença.

Sai para atender a chamada.

Fred – É assim tão simples?

Max – Pois...

Fred – Todos sabíamos que teríamos de morrer um dia, mas não imaginávamos que seria ao mesmo tempo.

Alex – Nem que nos diriam a data exata com poucas semanas de antecedência.

Max – Um mês antes de fecharmos para sempre.

Fred – A partir de hoje, cada dia que passa vai valer um ano da nossa vida.

Pausa.

Max – Como chegou a essa conta, exatamente?

Alex – Não interessa... O que ela quer dizer é que, a partir de agora, cada minuto conta.

Max – Pois... Onde gostavam de passar o último dia? Na cama, com boa companhia? Na praia? Numa igreja?

Alex – No fundo, seja o último dia ou não... É uma pergunta que devíamos fazer-nos todos os dias, não acham? O que fazer da vida quando acordamos de manhã...

Max – A maior parte das pessoas, quando se levanta, pensa sobretudo como vai pagar o empréstimo da casa até chegar à reforma. Se é que alguma vez terá reforma. Porque eu...

Sam regressa.

Sam – Desculpem, houve uma contraordem.

Max – Uma contraordem?

Sam – O Presidente considera demasiado perigoso deixar-vos sair antes de ser tomada uma decisão a nível mundial.

Alex – Perigoso? Porquê?

Sam – Receamos uma fuga de informação que faça espalhar o boato de forma completamente descontrolada.

Max – Se o mundo vai mesmo acabar, mais cedo ou mais tarde as pessoas hão de reparar, não?

Sam – Mesmo que acabemos por decidir informar a população, é importante prepará-la psicologicamente para o anúncio da catástrofe.

Alex – Como é que alguém se prepara psicologicamente para o fim do mundo? Gostava de ver...

Fred – Então estamos condenados a ficar aqui até ao fim da consulta?

Max – E quanto tempo vai durar essa porcaria toda?

Sam – Cerca de uma semana.

Max – Uma semana!

Fred – Não é possível...

Sam – Lamento, mas tenho ordens.

Alex dá um passo em frente.

Alex – E se quisermos sair na mesma...?

Sam saca da pistola e aponta-a a Alex.

Sam – Fique onde está.

Alex – Não vai disparar.

Sam – É verdade que, no mundo de antes, provavelmente não teria disparado. Mas garanto-lhe que agora sou capaz disso.

Max – O que vai fazer? Matar-nos a todos? *(Apontando para o público)* E a eles também?

Sam – Estou à espera de instruções... Por enquanto, ficam aqui sossegados. Tentem descontrair. Também há aperitivos e amendoins no frigorífico... Daqui a pouco trazem-vos uma refeição...

Sai.

Alex – Eu bem vos disse que não podíamos confiar neles.

Fred – Mas isto não diz respeito só a nós.

Max – Agora está a defendê-los?

Fred – Não, mas tenho de concordar com ele. Não devemos precipitar-nos, para evitar excessos.

Alex – Excessos? Estamos a falar de um asteroide que vai atingir a Terra e libertar uma energia milhões de vezes superior à da bomba de Hiroshima. E a senhora só tem medo de alguns excessos?

Fred – Está a fingir que não percebe. Quer mesmo que este último mês na Terra seja um inferno? Sobretudo para os mais fracos. As crianças, por exemplo...

Alex fica visivelmente sensibilizada por estes argumentos.

Alex – Muito bem. Então o que propõe? Deixamo-nos abater um a um, como ovelhas no matadouro?

Fred – Não sei.

Max – Enquanto for ele a ter a pistola, de qualquer maneira...

Alex – Então o que fazemos?

Pausa.

Max – E se começássemos por beber qualquer coisa?

Sam regressa.

Sam – Há novidades.

Alex – O que é agora?

Sam – Já vos aviso que também não vai ser fácil de acreditar. Até para mim é difícil de engolir.

Max – Diga lá...

Sam – Acabámos de receber um sinal extraterrestre...

Estupefação geral.

Escuro.

ACTO 4

Alex, Fred e Max tentam recuperar da surpresa, perante Sam, que continua impassível.

Alex – Um sinal extraterrestre? Está a brincar?

Sam – Sei que parece incrível. Mas, há algum tempo para cá, já nada me espanta.

Alex – Não me diga...

Sam – Sabemos que o fim da vida na Terra é uma possibilidade, para não dizer uma certeza a longo prazo, de que apenas desconhecemos a data. No entanto, tratamo-lo como ficção científica.

Fred – Também sabemos que é extremamente improvável que sejamos os únicos seres vivos do universo. E, no entanto, também tratamos os extraterrestres como ficção científica.

Max – E como é que entraram em contacto? Mandaram-vos um pombo-correio?

Sam – Como sabem, o projeto científico SETI dedica-se, desde os anos sessenta, à procura de possíveis comunicações provenientes do espaço.

Fred – É sinal de que a hipótese não é assim tão absurda...

Sam – Foram eles que captaram a mensagem.

Alex – Estão há mais de meio século a escutar o céu. Nunca ouviram nada e, de repente, um mês antes do fim do mundo...

Sam – Precisamente... Perante a catástrofe iminente, decidiram entrar em contacto connosco.

Max – Para quê? Para se despedirem?

Sam – Propõem-se salvar alguns de nós. Para que a espécie humana continue a existir, mesmo que não seja na Terra onde nasceu.

Alex – Salvar a espécie humana? Já começo a perguntar-me se vale a pena...

Fred – E como pensam resgatar esses poucos privilegiados?

Sam – Propõem-se vir buscá-los numa nave espacial.

Alex – Pois claro. Agora é uma arca de Noé espacial... Só faltava esta...

Sam – Só podem levar alguns milhares de adolescentes.

Alex – Adolescentes...

Sam – Pessoas mais velhas teriam menos possibilidades de se reproduzir e perpetuar a espécie, e crianças muito pequenas suportariam mal uma viagem dessas. Jovens adultos adaptar-se-ão mais facilmente ao novo ambiente.

Fred – Portanto, a outro planeta.

Alex – Claro. Se a Terra for destruída...

Max – Muito bem. E o que temos nós a ver com isso? Infelizmente já deixámos de ser adolescentes há muito tempo.

Sam – Agora temos de escolher qual será a escola secundária a salvar.

Fred – Uma escola secundária?

Max – Porquê uma escola?

Sam – Os alunos já estarão todos reunidos no mesmo lugar. Será mais fácil virem buscá-los.

Alex – Sorte dos escolhidos. Mas que temos nós a ver com isso?

Sam – Cabe-nos designar a escola que será salva... Pelo menos no que diz respeito ao nosso país.

Fred – Ao nosso país?

Sam – Será escolhida uma escola por país. Imagino que seja para garantir uma diversidade suficiente da população.

Alex – Então escolham-na ao acaso.

Sam – É uma possibilidade, sim.

Fred – Porquê? Há outra?

Sam – Podíamos escolher a melhor escola secundária do país.

Fred – A melhor?

Sam – A que tiver os melhores resultados nos exames finais, por exemplo.

Alex – Já percebi... Uma dessas escolas privadas de elite onde andam os filhos dos poderosos, imagino.

Sam – E os seus filhos, onde estudam?

Alex – Não tenho filhos, e sabe-o perfeitamente. Nenhum de nós aqui tem filhos. Foi por isso que nos escolheram?

Sam – Não só...

Pausa.

Fred – O mérito ou o acaso?

Sam – Exatamente. Têm de voltar a fazer uma escolha.

Fred – Não é humano pedir-nos isto... Como escolher, entre todos estes jovens, os poucos privilegiados que serão salvos?

Sam – É preciso decidir. Caso contrário, a humanidade inteira desaparecerá.

Alex – Quanto a mim, essa hipótese até me agrada.

Sam – Não temos tempo a perder. Querem saber o nome da escola até amanhã. Depois, será provavelmente demasiado tarde...

Alex – Sabemos muito bem o que significa «mérito». Está ligado à seleção social. Por coincidência, as melhores escolas estão nos bairros mais ricos.

Fred – Por outro lado, se a humanidade tiver de continuar a existir, mais vale que não seja com jovens que só conhecem duzentas palavras, escrevem como se estivessem a mandar mensagens e nunca redigiram um texto maior do que um SMS.

Alex – É a senhora que diz isso? Uma professora? Parabéns...

Fred – Tem razão, é horrível... *(Pausa.)* Mas também temos de ser realistas...

Sam – Infelizmente já não temos tempo para discutir. Vamos diretamente à votação... Quem é a favor da excelência?

Fred hesita e depois levanta a mão.

Sam – Quem é a favor do acaso?

Alex e Max levantam a mão.

Sam – Vamos ouvir o público. Primeiro, os defensores da excelência. Quem é a favor de salvar a melhor escola secundária do país, levante a mão. Agora, os defensores do acaso. Quem é a favor de sortear a escola a salvar? Muito bem. A excelência venceu *(ou o acaso, conforme o resultado)*. Obrigado pelo vosso contributo... *(O telemóvel toca. Sam atende, enquanto se afasta para os bastidores.)* Sim... Estou a ouvir...

Sai. Silêncio.

Alex – Desta vez, já todos perceberam que isto é uma farsa, não perceberam?

Os outros dois parecem perplexos.

Max *(Ao público)* – E vocês, o que acham? É verdade ou não?

Pode fazer-se uma breve improvisação para responder a um ou mais espectadores.

Fred – Já não sei em que acreditar...

Max – Afinal, é possível, não é?

Fred – Como ele disse, há muitas coisas que consideramos ficção científica até acontecerem de verdade.

Max – Como aquela pandemia mundial, por exemplo. E as consequências... Se vos tivessem contado aquilo antes de acontecer, teriam acreditado?

Alex – Provavelmente não...

Fred – Não sei porquê, mas tenho a sensação de que é verdade.

Alex – Esta gente mente-nos há dez anos! Aliás, mentiram-nos sempre.

Fred – É tão extraordinário... que até pode ser verdade.

Max – O que temos a perder se entrarmos no jogo?

Alex – Portanto admite que é um jogo.

Fred – A questão é antes saber... se temos a opção de não jogar. Viram bem. São capazes de nos matar...

Sam regressa.

Sam – A situação mudou...

Alex – Partindo de onde estávamos, só pode ter melhorado, imagino.

Sam – De facto, embora ainda não tenhamos certezas.

Fred – Então?

Sam – Contra todas as expectativas, o perigo diminuiu um pouco.

Max – Anunciou-nos o fim do mundo como uma certeza absoluta. Como pode ter diminuído o perigo?

Sam – O asteroide que nos ameaça colidiu com outro corpo celeste. Partiu-se em vários fragmentos. Mas um deles, enorme, continua a dirigir-se para a Terra...

Fred – De que tamanho?

Sam – Cerca de cem metros.

Max – Isso é melhor, não é?

Sam – Sim, mas ainda é suficiente para provocar uma catástrofe de dimensões planetárias. A menos que esse fragmento também se parta. Mas, sobretudo...

Fred – O quê?

Sam – A explosão aumentou consideravelmente a velocidade do fragmento. Vem na nossa direção quase à velocidade da luz.

Max – Quanto tempo falta para a colisão?

Sam – Segundo os novos cálculos... cerca de uma semana.

Alex – E chama a isso uma melhoria...

Sam – O hemisfério sul será atingido em cheio. Mas as consequências no resto do mundo serão terríveis. Terramotos, um tsunami gigantesco...

Max – Mas, se bem entendi, o fim do mundo já não é uma certeza? Ainda temos hipótese de escapar?

Sam – Uma parte da população poderá sobreviver, escondendo-se em abrigos ou refugiando-se no alto das montanhas.

Alex – Portanto, temos apenas uma semana para nos organizarmos. E, se não avisarmos ninguém, morrerá muito mais gente.

Fred – O que espera de nós?

Sam – Temos de reconsiderar a decisão à luz destes novos dados...

Fred – Já não sei o que pensar...

Sam – Se divulgarmos a informação imediatamente, vai instalar-se o pânico. A população do hemisfério sul vai tentar fugir para o hemisfério norte. E, no nosso hemisfério, toda a gente correrá para as montanhas.

Alex – Imagino que gente como o senhor tenha sempre uma casa de férias nas montanhas, não é?

Fred – Os que não conseguirem chegar às montanhas vão matar-se uns aos outros para alcançar o cimo das colinas ou os andares mais altos dos prédios...

Max – Na esperança de que também não sejam arrastados pelas águas...

Alex – Mas, se não dissermos nada, só uns poucos privilegiados, bem informados, tomarão as precauções necessárias para terem alguma hipótese de sobreviver.

Sam – É verdade... Seja como for, não podemos salvar toda a gente.

Fred – Então temos de votar outra vez? Mas sobre o quê?

Sam – Já não vale a pena precipitarmo-nos. A situação muda de hora a hora. Para não dizer de minuto a minuto. *(O telemóvel toca. Ele atende.)* Sim... Está bem... Ligue-me assim que houver novidades... *(Guarda o telemóvel.)* Os cientistas aperfeiçoaram ainda mais os cálculos. Agora há apenas uma hipótese em dez de a Terra ser atingida por esse fragmento.

Max – Tanto alarido para isto...

Alex – E os homenzinhos verdes?

Fred – E aquela escola que iam transferir para outra galáxia?

Sam – Não tenho novidades sobre isso...

Fred – Talvez tenham sido eles a fazer explodir o asteroide para nos protegerem...

Sam – É uma hipótese, de facto. *(O telemóvel volta a tocar. Ele atende.)* Sam... Sim... Está bem... Certo, eu trato disso...

Guarda o telemóvel, visivelmente abalado. Os outros três esperam, angustiados, que se decida a falar.

Max – Então?

Sam – Acabam de me informar que todo o perigo desapareceu... Os restos do asteroide passarão muito para além da órbita da Lua. Portanto, não haverá quaisquer consequências para o nosso planeta e a população não dará por nada.

Silêncio, entre a perplexidade e o alívio.

Fred – Então acabou?

Sam – Parece que sim...

Alex bate palmas lentamente, sem ruído, com um ar irónico.

Alex – Acabou a comédia...

Max – Então podemos voltar à nossa vidinha miserável? Como antes... Quase que fico desiludido...

Fred – É verdade... Com tudo isto, acho que nunca me senti tão viva.

Max – Como é que dizia há bocado? Eros e Tânatos... Daqui a pouco vai dizer que teve um orgasmo...

Fred – Até vos dizia que tenho tudo o que é preciso lá em casa, mas infelizmente só está o meu gato à espera.

Max – Se é só isso, podemos resolver o problema... Eu também estou livre...

Alex – Livre, ainda está por provar...

Todos olham para Sam, que continua em silêncio.

Fred – Sam?

Alex – Vai pelo menos avisar a população da catástrofe de que acabou de escapar, não vai?

Sam – A decisão foi tomada ao mais alto nível. A população não será informada.

Fred – Se esconderem a verdade e as pessoas acabarem por descobrir... Vão ficar furiosas. Vão exigir explicações.

Alex – Já que o fim do mundo deixou de ser iminente, não há risco de pânico generalizado. Por que razão querem manter as pessoas na ignorância?

Max – Temos de votar outra vez?

Sam – Não haverá votação. Ninguém será informado. E nada do que aqui aconteceu alguma vez existiu.

Alex – Muito bem, façam o que quiserem... E nós diremos o que quisermos.

Sam – Também recebi instruções quanto a isso. Lamento sinceramente. Tudo isto é segredo de Estado. Não podemos correr o risco de vos deixar falar...

Alex – Ah, sim? E como pensa impedir-nos? Vai matar-nos?

Fred – Não pode fazer isso! É polícia, não é? Representa a lei!

Alex – Há muito que são eles a fazer as leis. Ainda acredita que a polícia existe para proteger os cidadãos?

Max – Para quê darem-se ao trabalho de nos matar? Ninguém acreditaria em nós.

Fred – Afinal... Basta dizer-nos que foi tudo um jogo e nunca mais falamos no assunto.

Max – Um escape room. E conseguimos finalmente escapar...

Sam – Lamento, mas nenhum de vocês sairá daqui...

Saca da pistola com um gesto teatral, como um pistoleiro num duelo, mas deixa-a escapar das mãos e ela cai ao chão à sua frente. Alex apanha a arma e aponta-a a Sam. Em alternativa, pode imaginar-se uma cena burlesca em câmara lenta, com Sam a sacar da arma e Alex a atirar-se a ele para lha tirar.

Alex – Já não tem tanta graça, pois não?

Sam – E agora, o que vai fazer? Matar-me?

Alex – Não me tente.

Fred – Não faça isso.

Max – E porque não? O canalha queria matar-nos aos três.

Sam – Não vai disparar.

Alex – Ah, não?

Sam – Força. Carregue no gatilho.

Alex – Afinal, o que arrisco? Foi o senhor que disse: nada disto alguma vez existiu.

Alex hesita.

Sam – Não é assim tão fácil matar alguém, sabe... Mesmo quando se tem a certeza de que se pode fazê-lo impunemente. Milénios de ordem moral, desde que Caim matou o irmão Abel, não se apagam numa hora.

Alex – Já lhe disse que não sou crente.

Fred – Por favor, largue essa arma...

Max – Para ele voltar a apontá-la contra nós? Nem pensar! Vá lá, dispare! Se temos uma hipótese de sair vivos, mais vale aproveitá-la...

Alex volta a hesitar, antes de baixar a arma.

Alex – Está bem, não vou disparar... Pelo menos por enquanto. Mas fico com a arma. E, se tentar tirá-la, acredite que saberei utilizá-la.

Sam – De qualquer maneira, é indiferente. Pode disparar, não vai matar-me.

Alex – A sério?

Sam – A menos que eu decida fingir-me de morto, claro.

Max – Julga-se imortal, é isso?

Fred – Ou então tem um colete à prova de bala.

Sam – Esta arma não está carregada.

Alex – Outra mentira.

Sam – É verdade, estou a mentir.

Pausa.

Fred – Uma frase bastante difícil de interpretar.

Max – O quê?

Fred – «É verdade, estou a mentir», foi o que ele disse. Se é verdade, então não está a mentir.

Alex – E, se está a mentir, então não é verdade.

Max – Isto é um bocado complicado para mim...

Sam – Seja como for, não é uma pistola verdadeira.

Alex – Claro que não...

Sam – É um adereço de teatro...

Max – Um adereço?

Pausa.

Alex – Então agora quer fazer-nos acreditar que estamos num teatro?

Max – Já só faltava esta...

Fred – Mas isso é impossível! Os teatros estão todos fechados há anos por causa da pandemia.

Sam – Quase todos. Mas alguns continuam a resistir, às escondidas das autoridades sanitárias e policiais.

Alex – Quer dizer que... estivemos a representar uma peça?

Sam – E a peça terminou. Agora vão aplaudir-vos, espero eu, regressarão aos camarins e depois poderão ir para casa. Ninguém vai morrer. Bem, hoje não. O espetáculo acabou.

Fred – Então não é polícia?

Max – Mas afinal... quem é o senhor?

Sam – Sou o encenador.

Alex – Quer dizer que era tudo mentira...

Sam – Não. Era mentira e era verdade. Era teatro.

Max – Mas nós não somos atores!

Sam – Foram escolhidos para participar num espetáculo improvisado. Todas estas pessoas são espectadores.

Fred – Portanto é o senhor que está a desafiar a lei. As representações teatrais estão terminantemente proibidas.

Sam – Pertenço a uma organização clandestina que tenta devolver a vida àquilo a que antigamente chamávamos «espetáculo ao vivo»...

Alex – E onde é que estamos?

Sam – Estamos no Teatro... *(Menciona-se aqui o nome do teatro onde a peça está a ser representada.)*

Pausa.

Fred – O teatro... Há tanto tempo que não vamos...

Max – Já nem nos lembramos para que servia.

Sam – Para nada... Para pensar...

Max – Pensar em quê?

Sam – No sentido da vida, por exemplo...

Fred – Depois de tudo isto, acho que vou olhar para a vida de outra maneira.

Sam – Morrermos daqui a um mês ou daqui a trinta anos, cada um por sua vez ou todos ao mesmo tempo... No fim, que diferença faz?

Fred – A questão é saber o que queremos fazer com o resto da nossa vida.

Max – A questão? E qual é a resposta certa?

Sam – No teatro não há respostas certas. Só há boas perguntas.

Alex – Seja como for, nunca devemos deixar de viver por medo de morrer.

Fred – E quando o pano cair e sairmos de cena, entre aplausos ou assobios, que pelo menos tenhamos representado até ao fim o papel da nossa vida.

Os quatro colocam-se diante do público para agradecer os aplausos.

Sam – Minhas senhoras e meus senhores, a representação a que acabaram de assistir é, evidentemente, totalmente ilegal. Por isso, quando saírem daqui, mesmo que tenham gostado, não contem nada a ninguém. Desde já agradeço a vossa discrição...

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-824-2

Documento para download gratuito